



NADYA ARAUJO GUIMARÃES
HELENA SUMIKO HIRATA

O Gênero do Cuidado

DESIGUALDADES, SIGNIFICAÇÕES
E IDENTIDADES

Sumário

Índice de Gráficos, Figuras e Tabelas	13
Apresentação – NADYA ARAUJO GUIMARÃES E HELENA SUMIKO HIRATA	17
1. Pensar o Trabalho pela Ótica do Cuidado, Pensar o Cuidado pela Ótica das suas Trabalhadoras – NADYA ARAUJO GUIMARÃES E HELENA SUMIKO HIRATA	27
“Cuidado”	29
<i>A Emergência das Teorias do Care no Mundo Anglo-Saxão</i>	32
<i>A Emergência das Teorias do Care na França</i>	36
<i>A Emergência das Teorias do Cuidado na América Latina</i>	40
<i>O Trabalho de Cuidado e sua Profissionalização</i>	49
2. A Emergência do Cuidado: Nomear, Reconhecer, Obscurecer – NADYA ARAUJO GUIMARÃES	53
<i>Novas Palavras, Novos Fenômenos?</i>	56
<i>O Trabalho de Cuidado: Um Serviço Inescapável na Nova Divisão do Trabalho Doméstico no Brasil</i>	69
<i>Nomear, Reconhecer e Obscurecer: Unindo Pontas Aparentemente Contrapostas</i>	76
3. O Cuidado e seus Circuitos: Significados, Relações, Retribuições – NADYA ARAUJO GUIMARÃES	91

	<i>“Circuitos de Sobrevida” em “Cadeias de Cuidado”</i>	94
	<i>“Trabalho Relacional” e “Circuitos de Comércio”</i>	99
	<i>“Circuitos de Cuidado”</i>	105
	<i>Retomando Alguns Fios e Evitando Curtos-Circuitos</i>	125
4.	O Cuidado e o Emprego Doméstico: Interseccionando	
	Desigualdades e Fronteiras – NADYA ARAUJO GUIMARÃES E	
	HELENA SUMIKO HIRATA	129
	<i>Fronteiras Fluídas, Perfis Convergentes</i>	133
	<i>Perfis Convergentes, Identidades Fluídas</i>	145
	<i>Diferenciando as Formas de Cuidado à Luz das Características dos</i>	
	<i>Domicílios</i>	153
5.	O Cuidado e as “Ajudas” – NADYA ARAUJO GUIMARÃES E	
	PRISCILA PEREIRA FARIA VIEIRA	161
	<i>O Cuidado e seus Circuitos: “Profissão”, “Obrigação”, “Ajuda”</i>	163
	<i>Flagrando “Ajudas” e Refletindo sobre as Configurações do Cuidado</i>	169
6.	Tato e Tabu. A Sexualidade e as Emoções no Trabalho do	
	Cuidado – HELENA SUMIKO HIRATA E	
	NATACHA BORGEAUD-GARCIANDÍA	189
	<i>A Sexualidade nos Estudos do Trabalho de Cuidado na França</i>	192
	<i>Confrontação das Cuidadoras com o Sexo e a Sexualidade dos Idosos</i>	
	<i>Dependentes</i>	198
	<i>Os Limites do Distanciamento. A Irrupção Narrativa da</i>	
	<i>Sexualidade como Desejo no Cuidado Domiciliar “Interno”</i>	205
	<i>Sociologia e Apreensão da Sexualidade no Trabalho de Cuidado</i>	210
7.	O Cuidado numa Perspectiva Comparativa Internacional –	
	HELENA SUMIKO HIRATA	213
	<i>O Peso do Contexto Nacional: Singularidades e Convergências na</i>	
	<i>Organização Social do Cuidado na França, Japão e Brasil</i>	214
	<i>Os Aportes da Comparação Internacional ao Estudo do Trabalho</i>	
	<i>de Cuidado. Pensando Conclusivamente</i>	228
8.	O Cuidado e as Crises – NADYA ARAUJO GUIMARÃES E	
	HELENA SUMIKO HIRATA	243

<i>O Trabalho de Cuidado na Crise Econômica</i>	245
<i>Cuidado e Pandemia</i>	258
Referências Bibliográficas	275

Índice de Gráficos, Figuras e Tabelas

Gráfico 2.1 – Novas Palavras, Novos Fenômenos? A Frequência de Uso dos Termos “Cuidador”, “Cuidadora”, “Cuidadores” e “Cuidador(a)” (Brasil, 1890 a 2019)	57
Gráfico 2.2 – De “Acompanhante de Idosos” a “Cuidador/a”. Registros n’O <i>Estado de S. Paulo</i> : 1960-2019	59
Gráfico 2.3 – “Cuidado”: Presença Longeva da Palavra. Registros n’O <i>Estado de S. Paulo</i> : 1875-2019	60
Gráfico 2.4 – Uma Atividade Longeva sob Recente Mercantilização. Registros n’O <i>Estado de S. Paulo</i> : 1875-2019	61
Gráfico 2.5 – Uma Palavra que se Flexiona Crescentemente no Feminino. Registros n’O <i>Estado de S. Paulo</i> : 1890-2019	62
Gráfico 2.6 – As Múltiplas Formas de Flexionar.	66
Gráfico 2.7 – Ritmo de Crescimento da Ocupação em Cuidado Domiciliar, do Emprego Doméstico e das Demais Ocupações. Brasil, 2012 a 2018 (Base 100 = 1º trimestre de 2012)	70
Gráfico 2.8 – Taxas de Atividade por Grupos de Sexo em Países Seleccionados (1960 a 2010).	73
Gráfico 2.9 – Mercantilização no Feminino. Evolução das Taxas de Atividade por Grupos de Sexo nos Anos Censitários. Brasil, 1960 a 2010.	74

Gráfico 2.10 – O Envelhecimento Populacional Brasileiro numa Perspectiva Comparada População com 65 anos e Mais: 1950-2050. Brasil, França e Japão	75
Gráfico 8.1 – Ritmos de Crescimento do Emprego de Cuidado Domiciliar e do Emprego em outras Ocupações. Brasil, 2012-2018 (Base 100 = 1º Trimestre 2012)	246
Figura 4.1 – Profissional Busca Trabalho como “Acompanhante” . . .	148
Figura 4.2 – Empregador/a Busca “Cuidadora de Idosos”.	149
Figura 4.3 – Trabalhadora Busca Emprego como “Cozinheira/Doméstica”	150
Figura 7.1 – França: Configuração do Cuidado aos Idosos	218
Figura 7.2 – Japão: Configuração do Cuidado aos Idosos	220
Figura 7.3 – Brasil: Configuração do Cuidado aos Idosos.	224
Tabela 2.1 – Distribuição dos Registros por Décadas	63
Tabela 4.1 – Quem Era Contabilizado no Trabalho de Cuidado pelo Censo? Brasil, 2010	134
Tabela 4.2 – Cuidadoras Domiciliares e Empregadas Domésticas: Predominantemente Negras. Brasil, 2010	136
Tabela 4.3 – Cuidado Domiciliar e Emprego Doméstico: Formas Igualmente Desprotegidas de Trabalho. Brasil, 2010 . . .	138
Tabela 4.4 – As Jornadas de Trabalho Entre as Profissionais do Cuidado. Brasil, 2010	139
Tabela 4.5 – Cuidadoras Domiciliares e Empregadas Domésticas: Na Base da Pirâmide Salarial. Brasil, 2010	141
Tabela 4.6 – As Trabalhadoras do Cuidado nos Domicílios Brasileiros	143

Tabela 4.7 – A Fronteira Fluida na Representação do Trabalho: Como Cuidadoras Descrevem a sua Atividade. São Paulo, 2009.	146
Tabela 4.8 – O Consumo do Emprego Doméstico e do Emprego de Cuidado pelos Domicílios Brasileiros. 2017-2018.	158
Tabela 4.9 – Capacidade de Acumular Serviços Domésticos Remunerados pelos Domicílios Brasileiros. 2017-2018	159

Apresentação

Nadya Araujo Guimarães e Helena Sumiko Hirata

Para as autoras, que têm um passado de pesquisas na sociologia do trabalho e uma perspectiva analítica atenta às relações interseccionadas e às desigualdades sociais de gênero, de raça e de classe, o conjunto de achados sobre o cuidado e as cuidadoras sistematizados neste livro é decorrência natural desse interesse teórico e disciplinar, bem como dessa postura analítica.

Com efeito, a centralidade do trabalho das mulheres fica evidenciada quando observamos a articulação trabalho doméstico/trabalho profissional. Tanto no campo da reprodução social quanto no do assalariamento, as mulheres aparecem como as atrizes centrais na realização do trabalho doméstico e do de cuidado, atividades essenciais para a sociedade, seja em termos da sua reprodução, seja tendo em vista o bem-estar dos seus membros.

Desde o início das nossas pesquisas no campo da sociologia do trabalho e do gênero a articulação entre o trabalho profissional dos homens e das mulheres, por um lado, e o trabalho doméstico e de cuidado não pago, realizado “por amor” na esfera da família, por outro, parecia um nó misterioso, uma “aporía”, uma dificuldade que se afigurava como quase intransponível quando pretendíamos explicar o funcionamento do emprego feminino e masculino

e das relações sociais assimétricas entre homens e mulheres nas esferas da produção e da reprodução.

A sociologia do trabalho, desafiada em especial pelos avanços no campo dos estudos feministas, não tardou a ampliar a sua agenda de modo a contemplar relações sociais que ultrapassavam tanto os muros das firmas, como as fronteiras do mercado de trabalho e das instituições de regulação das relações laborais. Ao assumir que as relações de gênero perpassavam transversalmente não apenas todos esses “mundos”, mas eram o fio condutor que nos permitiria enlaçar público e privado, vida familiar e vida profissional, mercantil e não-mercantil, produção e reprodução, a nossa reflexão dava, enfim, o passo necessário para “desfazer o nó”: a divisão social do trabalho não podia ser pensada à margem de uma divisão sexual deste e, por isso mesmo, as relações de gênero eram dotadas da capacidade de transversalidade.

Entretanto, ao iluminar esse movimento, nossa reflexão (como se acontecer no trabalho cognitivo, e com muito mais razão, na atividade científica) deixava em aberto novas perguntas que nos desafiavam. Como diferenças e hierarquias trasladavam-se entre público e privado, entre família e mercado, entre produção e reprodução? Como sistematizar os vasos comunicantes que ligavam as diversas formas de trabalho de mulheres, tornando-as, todas, “femininas” e, como tal, desvalorizadas simbólica e economicamente? Que se passava com a política, mas também com a ética desse tipo de trabalho? E, por fim, que tipo de trabalho era esse que se trasladava entre mulheres quando umas saíam ao mercado e o transferiam a outras, que adentravam ao domicílio, remuneradas, numa espécie de corrida de obstáculos que a sujeição lhes impunha enfrentar?

O tema do cuidado – e do trabalho que o provê – parece ter se apresentado como a chave da resolução do novo mistério. Uma chave

que se tornara tanto mais evidente quanto mais se transformavam aspectos da estrutura do mercado de trabalho (com o célere afluxo de mulheres, sob reconfiguradas desigualdades não somente entre homens e mulheres, mas também entre mulheres); mas evidente, também, no movimento de desestabilizar representações sobre o “feminino”, o corpo - a sujeição, enfim. Um movimento que se expressava em formas que pipocavam por todos os lados: nas novas configurações de família, nos novos padrões da sexualidade, nos anseios quanto a carreiras profissionais antes vedadas, na reconstrução de passados/culturas/comunalidades étnicas que aproximavam e fortaleciam as mulheres e seus movimentos, numa nova agenda de pleitos por direitos - aí compreendido o direito a não-cuidar!

A emergência do campo do cuidado interpela, assim, os estudos do trabalho, colocando-lhes novas questões que o desafiam. Mas interpela igualmente os estudos de gênero, obrigando-os a teorizar sobre o enlace entre domínios que haviam progredido (e muito), mas de forma estanque. Tal foi o caso dos estudos sobre o trabalho doméstico não remunerado, dos estudos sobre o emprego doméstico, das análises sobre as carreiras “femininas” (com seus “tetos”, “muros” e “corredores” de vidro), dos estudos sobre políticas sociais e regimes de “welfare”, e até mesmo das reflexões sobre solidariedade de gênero e vida comunitária. Todos esses campos haviam experimentado notáveis avanços, mas que se fizeram como que em paralelo. Nessa nova toada, aprofunda-se o diálogo da sociologia do trabalho com outros campos também desafiados pelos estudos de gênero, já agora sob a perspectiva do cuidado, tais como a psicologia social, a psicodinâmica do trabalho, a sociologia econômica, a sociologia política.

Mas, assim como a perspectiva emergente abriu novos caminhos para o campo da sociologia do trabalho, acreditamos que, ao aprofundarmos o prisma de análise do cuidado como trabalho,

também enriquecemos, num movimento de retorno, o próprio campo dos estudos do cuidado.

Este é o partido analítico que orientou a concepção do presente livro. Nele recolhemos e sistematizamos reflexões que vimos produzindo juntas, num fecundo diálogo intelectual, ao longo dos dez últimos anos. Nosso alvo empírico: mostrar o vigor da perspectiva do cuidado como trabalho, sublinhando a capacidade dessa nova agenda de desvendar aspectos importantes da sociedade brasileira contemporânea. Outras realidades e contextos nacionais aparecerão aqui evocadas, por certo. Mas terão um papel subsidiário, e nos servirão seja como substratos para explorar o progresso da teorização no campo, seja como contra-casos que ajudam a evidenciar a especificidade da organização social do cuidado no Brasil.

O livro está estruturado em oito capítulos, que organizamos em três partes.

A primeira é constituída pelos capítulos 1 e 2. Iniciaremos revisando como o cuidado emerge como um tema que ganhou relevo, no curso das quatro últimas décadas, nos debates travados pela academia (anglo-saxônica, europeia e latino-americana), concomitantemente à profissionalização desse tipo de trabalho, tanto nos países do Norte quanto do Sul (capítulo 1). Sendo uma questão social crescentemente relevante passou, pouco a pouco, a marcar as representações e as práticas sobre o trabalho, as mulheres, os idosos, os encargos familiares, enfim, o dia-a-dia dos indivíduos. Isso ficará documentado para o caso do Brasil ao observarmos diferentes camadas da vida social, seja a trajetória das palavras “cuidado” e “cuidador.a” na mídia brasileira, seja o crescimento de postos de trabalho nessa ocupação, sejam os debates e confrontos ao interior de instituições nacionais relevantes, especialmente quando chega ao Legislativo o pleito de regulamentação da profissão de cuidadora (capítulo 2).